



(IM)PREVISIBILIDADES DA ESCRITA FEMININA: LINHAS FORASTEIRAS DO DESEJO

Maria do Socorro da Silva Medeiros¹

RESUMO

A fragilidade de nossa cultura nos impõe uma fala silenciosa e sussurrante, quando estão, em cena, assuntos considerados tabus, proibidos. Fomos (e ainda somos) educados(as) para atuarmos numa sociedade falocêntrica e heteronormativa, cujos funcionamentos ideológicos patologizam o diferente, cerceando seu corpo e seus discursos. Nesse contexto opressor, destaca-se a homossexualidade feminina, esquecida e negligenciada há séculos. Ela ocupa, furtivamente, os espaços públicos e privados, familiares e estrangeiros. A mulher lésbica não se identifica com as imagens deturpadas do “feminino”, pois rompe com os padrões conservadores de gênero, posicionando-se num desconfortável *entre-lugar*. Aí, nesse *locus*, sua identidade é alvo de distorções e preconceitos. Cientes de que a literatura é um instrumento de reflexão e de mudança social, que mimetiza os conflitos humanos, debruçamo-nos sobre o conto *Tigreia*, de Lygia Fagundes Telles, com o propósito de analisar os conceitos que, na narrativa, compõem a construção da lesbianidade. Para tanto, recorreremos aos *Estudos Queer* e à Semiótica Discursiva, em especial, os trabalhos de Judith Butler e Cidmar Pais. O texto lyginiano consegue se distanciar dos estereótipos e, por conseguinte, recepcionar, com sensibilidade, a homossexualidade feminina, revelando-a a partir de suas múltiplas formas e nuances.

Palavras – chave: Literatura. Lygia Fagundes Telles. Homoafetividade.

INTRODUÇÃO

As questões relacionadas à construção do gênero feminino, em especial à construção identitária das lésbicas, fazem parte de um processo formalizador decorrente das engrenagens conceituais do patriarcado e, por conseguinte, da heteronormatividade, sendo, desta forma, uma questão ligada à subjetivação do sujeito, com forte influência da ambivalência social.

Analisamos, em um primeiro momento, a questão do gênero e suas variações, identificando o feminino e o masculino dentro de uma pedagogia do

¹ Graduada em Letras/Português pela Universidade Federal da Paraíba – msr_medeiros@hotmail.com

18º REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



Inicialmente, faz-se necessário retomar o surgimento do conceito de gênero. Segundo CHANTER (2011), o termo aparece envolto a pressupostos disciplinares da psicologia e da sociologia na década de 1960 e, desde então, vem sofrendo modificações. O gênero é concebido como uma categoria social e histórica, passível de mutação. Desse modo, a identidade não é determinada desde o nascimento, como se fosse algo inerente à genitália. Ele se edifica a partir das ações e relações dos/entre os indivíduos.

Historicamente, impôs-se a fragilidade ao corpo feminino e a sexualidade ao corpo masculino. Surge, dessa dicotomia, o que se denomina *pedagogia do medo*. Na fase inicial da infância, as meninas são educadas para não estabelecerem contato direto com os meninos, já que estes não compartilham dos mesmos modos de comportamento social. Os meninos se voltam para brincadeiras com determinado teor sexual e, desde cedo, a sua virilidade é exaltada. Aqueles que não partilham desse tipo de comportamento são pejorativamente classificados como “viadinho”, já que a homossexualidade masculina é caracterizada, de maneira distorcida, pela identificação com elementos tidos como exclusivos do universo feminino, tornando a figura do homem semelhante a da mulher. A proximidade com o sexo feminino é encarado como um fator corrosivo e desmerecedor.

A composição do gênero, como um todo, pode ser entendida a partir da performance representada em continuidade por seus sujeitos. Assim sendo, o sujeito, em seu mundo subjetivo, passa a introjectar determinadas ações (gestos, vocabulário e afins) que são características do gênero desejado. Esse constructo é bem presente na caracterização das lésbicas. Sua sexualidade é projetada a partir de sua performance, que é formada por meio da negação de determinados estereótipos e da agregação de outros.

De posse desse arcabouço, saem do mundo subjetivo para se apresentarem no ciclo social em que vivem. É com base nesse aparato que as homossexuais conseguem projetar-se. Ocorre, destarte, uma espécie de neutralização das características biológicas.

18º REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



A aceitação da neutralização das características biológicas conduz a questionamentos que serão de grande valia no tocante ao entendimento de determinadas problemáticas, como a da dicotomia gênero *versus* sexo.

Algumas teóricas feministas colocam que o gênero é precedente ao sexo, por outro lado, inúmeros estudiosos batem na tecla de que o sexo é imutável e que é o gênero que é passível de mudanças. O ponto central da discursão é que, mais uma vez, depende da visão social para entender esse questionamento. Vejamos:

‘A verdade’ sobre nossos corpos acabará refletindo certas tendências culturais, incluindo a ideia de que as explicações naturais podem melhor relatar os fenômenos sócias. A própria concepção de os corpos conterem uma casualidade material que é fácil ou prontamente distinguível das influências de ordem social implica que haja uma parte da ‘natureza’ que esteja fora da ‘sociedade’. Argumentar que há ‘naturalmente’ dois e apenas dois sexos, masculino e feminino, e que as características desses dois sexos são mutuamente excludentes, é espalhar as crenças heterossexistas da era do capitalismo tardio ocidental dominante, e construir a função do sexo como algo que está teleologicamente circunscrito ao fim da reprodução. É ignorar as muitas culturas em que o gênero não depende de nenhum traço corporal, mas precisamente variável (CHANTER, 2011, p.12-13).

A construção do gênero perpassa os estigmas sociais. Para que haja um entendimento substancial é necessário abstermos do senso comum e debruçarmos sobre a subjetividade de cada sujeito. Só assim é possível elaborar uma cartografia de como o gênero se constrói e se apresenta. BEAUVOIR (1967) registra, em *O Segundo Sexo*, a extrema necessidade de entender o processo de formação de cada indivíduo. Segundo a autora, não há distinção entre os sexos; há, sim, o que ela diz ser um “soma” diferenciado segundo as formações indicadas pelos hormônios. Existe, então, uma orientação genotipicamente definida que seguirá em prol do surgimento de indivíduos intermediários entre o sexo masculino e o feminino.

Desta forma, fica evidente que as categorias de gênero e de identidade são formadas a partir de um processo dinâmico de manutenção de suas estruturas, tendo, como autor principal, o próprio indivíduo que as produz e as vivencia. Portanto, o gênero tem sua fundação no próprio sujeito que é resultado do meio em que vive.

Assumir a tese supracitada é apoderar-se, conscientemente, de que cada indivíduo, ao atuar em sociedade, está na verdade construindo a imagem social que

18º REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



deseja que os outros tenham de si, desenvolvendo, desta forma, um paradigma pessoal que explica para o mundo a sua identidade única. Sob esse prisma, quando os indivíduos aceitam “as imagens” que lhes são impostas, é porque são cientes de todo os benefícios e malefícios que cairão sobre as suas fronteiras.

Ao observamos a história da humanidade, é possível compreender de que maneira o confronto homem *versus* mulher se coloca em meio aos grupos sociais, sendo o aporte fundamentador da construção dos perfis de gênero. Esse binômio se caracteriza pela hierarquização entre os envolvidos, de forma que o homem se sobrepõe, enquanto “sexo rei” 296, ao gênero feminino. Forja-se, assim, uma relação de algoz e vítima. A mulher não tem definição. A ela foi delegado o papel de ser tudo o que o homem não é: frágil. A fragilidade a define tanto no campo psicológico quanto no físico, o que acarreta uma incapacidade de desenvolver atividades que requerem um controle emocional maior e uma condição física mais desenvolvida. Desse modo, são incapazes de administrar situações de grande valor social, como por exemplo, sustentar a família. A ela resta “apenas” as atividades de caráter doméstico. Notemos:

O homem que constitui a mulher... Assim a mulher não se reivindica como sujeito, porque não possui os meios concretos para tanto, porque sente o laço necessário que a prende ao homem sem reclamar a reciprocidade dele, e porque muitas vezes, se compraz no seu papel de *Outro* (BEAUVOIR, 1949, p.15).

A construção dos sujeitos sociais dá-se, em princípio, a partir do conhecimento da genitália que o feto porta. É deste momento em diante que a sociedade passa a agir de forma a coagir este ser que ainda está dentro de sua mãe. Mesmo protegido pelo útero materno, a criança não consegue fugir das responsabilidades sociais que lhe são impostas. Seu futuro já está traçado e a ele será dado papéis claros, os quais devem ser seguidos, para que, assim, não macule o modelo social vigente há séculos, elaborado bem antes da existência de seus pais. Segundo Tina Chanter (2011), espera-se que aquelas que sejam identificadas anatomicamente como garotas ajam como garotas, e que aqueles que sejam

18º REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



ainda há muito que se estudar e entender. As pesquisas sobre a temática, em termos numéricos, mostram-se bem mais precárias se comparadas aos estudos acerca da sexualidade masculina. O lugar do feminino ainda está em um *entre-lugar*. No que se refere às lésbicas, a situação é ainda mais alarmante, já que o amor e o desejo feminino sempre foram vistos como vinculados à união heterossexual, onde a mulher é vista muito como uma espécie de procriadora e não como sujeito individual, dotado de necessidades e desejos próprios.

A lésbica vivencia a sua sexualidade na medida em que deseja amar outra mulher em todas as nuances que este sentimento possibilita. Todavia, esse fato desordena o sistema coercitivo da heteronormatividade, pois a mulher, numa relação homossexual, assume uma posição ativa na relação sexual. Em termos práticos, a hegemonia masculina é negada e, com isso, o poder também chega às mãos femininas.

A ação de conseguir satisfazer outro ser que compartilha da sua genitália provoca uma quebra de paradigmas seculares e acaba, por colocar em xeque, a supremacia do patriarcado, atingindo-o fortemente, devido à reviravolta nos papéis sexuais. No erotismo lésbico, a vitória no ato sexual passa a ser de uma mulher e o homem é anulado, apagado e retirado dessa relação. Consequentemente, esse tipo de comportamento ameaça a família em seu aspecto moral, religioso e cultural, chegando ao ponto de ameaçar a continuidade da civilização.

Encontramos, nos estudos dos sexólogos Richard von KrafftEbbing e Carton Frederick, a expressão da homossexualidade feminina como uma representação anti-natural, pois com o estabelecimento desta, teria por consequência uma anomalia nas relações sociais. Todo esse extremismo era e é gerado pelo patriarcado, cujas "leis" asseveram que a condição feminina não é passível de prazer. Observemos:

Como os sexólogos reconheciam o heterossexualíssimo como o modelo de relações sexuais normais, eles também classificavam as relações sexuais entre duas mulheres como pervertidas. Presumiam que uma das parceiras femininas num relacionamento lésbico deveria ter 'invertido' seu papel, assumindo a busca ativa da satisfação sexual, algo reservado para os homens. Era esse papel, em vez do que os sexólogos presumiam ser parte 'passiva', supostamente desempenhada pela parceira, que caracterizava como uma pervertida sexual. A mulher 'passiva' num relacionamento lésbico

18° REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



muitas vezes não era considerada como 'autêntica' lésbica. (GRONEMAN, p. 49, 2001).

Considerar que, na relação lésbica, existem apenas duas categorias estanques e que estas correspondem, basicamente, à passividade de uma e a ativez da outra é minimizar aos extremos a complexidade das relações humanas. O amor lésbico é repleto de vicissitudes assim como qualquer outra forma de laço afetivo e sexual. Não é cabível estabelecer, previamente, como se dá o comportamento sexual entre elas, sem antes ser conhecedor do enredamento da relação que estabelecem. Conforme Simone de Beauvoir, dentro do universo homossexual feminino, existem duas categorias de lésbicas – as femininas e as masculinas – porém essa categorização não se afirma pelo comportamento sexual e sim pelo comportamento social. Seguindo a mesma base teórica, deparamo-nos com a informação de que, entre os casais lésbicos, as carícias são recíprocas e as variações dos hábitos acontecem naturalmente, assim como ocorrem entre casais heterossexuais.

O traço diferencial é que esse tipo de relação tende a ser, no geral, mais impetuosa e recheada de arroubos do que os relacionamentos heteronormativos, visto a interferência constante do padrão social pré-estabelecido como normal pelo patriarcalismo cristão. Existe, pois, uma necessidade de comprovar para a sociedade e, muitas vezes, para si mesmas que podem viver um relacionamento completo e que a “falta” de um homem em nada deixa faltar a essa união.

A necessidade da autoafirmação lésbica gera, em alguns casos, necessidade de exteriorizar sua sexualidade por meio de vestimentas, gestos e vocabulário tidos como masculinos. Estes elementos passam, então, caracterizar o seu desempenho que pode, em determinados momentos, agredir o social. Se isso ocorre é porque a normatização não lhe representa. Ademais, acontece que algumas se transvestem para poder vivenciar a sua condição sexual, mas isso não as coloca como necessariamente ativas. Esse tipo de comportamento é, em muitos casos, necessário para que combatam a ordem social.

Como já foi explanado, o comportamento sexual não pode ser desvinculado do social, pois a experiência influencia o comportamento. A sociedade estabelece



“Tigrela” é uma narrativa intrigante. Dotada de um estilo livre e repleta de fluxo de consciência, a história é narrada a partir do encontro casual em um café entre Romana, protagonista do conto com um amigo dos tempos de colégio.

Segundo ele (o amigo dos tempos de escola), ela estava semi embriagada e lhe pedi ajuda. O diálogo é confuso, talvez pelo excesso de álcool de Romana ou pela necessidade que a temática exigia. Não se pode falar abertamente de uma relação composta por duas fêmeas.

O patriarcado na aceita o amor entre duas mulheres. Este subverte as normas impostas por este. O amor sáfico não cabe na redoma patriarcalista, detentora deste silêncio Lygia Fagundes Telles opta por frases interditas e do uso extremo metáforas.

Permeado de elementos simbólicos, a narrativa apresenta um encadeamento imagético indispensável para a compreensão da critica que está por trás do enredo. Segundo Chevalier “A expressão simbólica traduz o esforço do homem para decifrar e subjugar um destino que lhe escapa através das obscuridades que o rodeiam”. (CHEVALIER, 2002). Os símbolos revelam o que, com palavras, não conseguimos expressar. Eles são dotados de um significado maior, mais completo e, por vezes, mais complexo que cobre os espaços que a língua não consegue sanar.

A manifestação simbólica traduz a labuta diária do homem para decodificar e vencer os enigmas que o cercam. Socialmente busca-se uma unificação do significado que estes podem apresentar, mediante ultrapassarem a extensão do seu referente. Fator que conflui no processo de normatização da congérie social.

Os símbolos apresentam-se como uma entidade composta por duas zonas distintas, as quais se aglutinam em prol de urdir o seu uso. De um lado, encontra-se a porção que auxilia na diversidade interpretativa da produção artística, como um fator de enriquecimento deste. O conto “Tigrela” é construído a partir de um conglomerado de símbolos, os quais se concatenam para elaborar semânticas variantes para os seus “consumidores”. Do outro lado, encontram-se os símbolos a partir do viés social. Neste, o signo tende a se apresentar como um paradigma que deve ser internalizado pela comunidade social.

18º REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



Ao não nomear o amigo de Romana, ela permite uma maior liberdade, já que assim não o condenaria a uma coparticipação no amor entre elas. A protagonista pede ajuda ao amigo em um segundo, no outro ela opta por voltar ao seu lugar “o silêncio”. O receio de não ser entendida por ele e o medo de se expor, faz com que ela se cale.

Romana conta como Tigrela é ciumenta, que roeu o fio do telefone por ter ouvido uma conversa entre ela e um ex namorado. Elas passaram dias sem se falar. A “tigresa” conseguia farejar o cheiro de homem na protagonista. “Intrigada” não comeu por dois dias seguidos, optou por beber uma tigela de uísque e não dormiu com a narradora. Foi para o jardim e dormiu ao relento, no frio da noite que era reflexo de seu coração traído.

Já não mais sabendo como lidar com a não possibilidade de uma relação plena, Tigrela opta por se jogar da cobertura que dividia com Romana. A morte lhe parece a melhor solução.

A morte apresenta-se na prosa lyginiana como uma solução constante para as suas personagens. O mesmo desenrolas ocorre no conto “Uma branca sobra pálida”. Talvez por optar por um não enfrentamento direto, Lygia Fagundes Telles use a morte como uma alternativa para o não embate com os ditames patriarcais.

Conclusão

É esclarecedora a forma como Lygia trata a questão da homossexualidade no conto. Ela sutilmente mostra uma realidade que a sociedade se recusa a enxergar. O leitor é conduzido a um desnudamento textual tamanho, que a temática do amor sáfico passa a ser apenas mais uma história de amor, na qual não importa o gênero dos amantes, mas sim a história da qual foram protagonistas.

Não é de hoje que os artistas têm como objeto de inspiração a temática homoafetiva. Desde a Grécia antiga, encontramos representantes deste “movimento”. O que se tem, enfim, é o papel fundamental da arte, ou seja, retratar o seu desejo usando o que se sabe fazer. Retratar o corpo masculino com um esmero quase doentio foi o que muitos de nossos maiores escultores fizeram.

18º REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: **Perspectivas Feministas de Gênero:**
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



PORTINARI, Denise. **O discurso da homossexualidade feminina.** 1º ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989.

QUINTAS, Fátima. **Sexo à moda patriarcal: O feminino e o masculino na obra de Gilberto Freyre.** São Paulo: Global Editora, 2011.

TELLES, Lygia Fagundes. **A estrutura de uma bolha de sabão.** São Paulo: Ed. Rocco,